



A Santa Sé

VISITA AO HOSPITAL SÃO CAMILO DE ROMA NAS CELEBRAÇÕES DO ANO SANTO DA REDENÇÃO

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo, 3 de Julho de 1983

1. Estou-lhe grato, Senhor Presidente, pelas palavras com que, interpretando o pensamento do Pessoal médico e da vasta comunidade dos enfermos e dos seus familiares, me deu as boas-vindas. E também lhe estou grato a Si, Reverendíssimo Superior-Geral dos Camilianos, pelas cordiais expressões com que, também em nome dos Religiosos e das Religiosas que trabalham neste Hospital, quis acolher-me por ocasião desta visita pastoral, para mim tão significativa.

Dirijo uma afectuosa saudação também a D. Fiorenzo Angelini, ao Director, aos Médicos Responsáveis, Ajudantes, Assistentes, aos Médicos e aos estudantes que frequentam o hospital, aos Chefes e às Chefes de Enfermaria, aos Enfermeiros e às Enfermeiras, ao Pessoal auxiliar e administrativo, e a todos os presentes, para os quais vai o meu reconhecimento pelo caloroso acolhimento que me foi reservado.

A minha saudação é também extensiva com particular afecto aos doentes quer do São Camilo quer dos outros Hospitais Carlo Forlanini e Lazzaro Spallanzani, que aqui se reuniram para a circunstância. Olhando para vós, caros Irmãos e Irmãs, o meu pensamento dirige-se para os doentes que não puderam deixar as enfermarias, para os mais graves e em perigo de vida, para as crianças. O meu pensamento, aliás, atravessa as paredes do Hospital São Camilo e alarga-se para abraçar todos os que estão internados nos Hospitais e nas Casas de Saúde de Roma, como também aqueles que lutam com a doença nas próprias casas, amparados pelo afecto dos familiares. Com esta minha visita desejo retribuir a visita dos doentes, que foram recentemente à Praça de São Pedro para a celebração do Jubileu.

Também o encontro de hoje quer ser uma ocasião de salutar reflexão, e mesmo um momento

forte na celebração do Ano Santo da Redenção. Sabemos e acreditamos que o rosto do homem que sofre é o rosto de Cristo mesmo. Os doentes e aqueles que estão em torno deles conhecem esta misteriosa e preciosa configuração com o Senhor, o qual redime no sofrimento e mediante o sofrimento.

2. Este hospital tem o nome de um dos Santos que mais intensamente viveu o mistério da Redenção no seu quotidiano realizar-se mediante a Cruz: São Camilo de Lellis, cuja obra teve início precisamente nesta Cidade, há quatro séculos.

Desde então até hoje a humanidade percorreu um longo caminho e no nosso tempo os lugares de assistência e de cura já não são ilhas segregadas do resto da comunidade, mas representam um aspecto qualificante de empenho e de progresso da mesma. A dimensão social da assistência sanitária, dirigida pelos poderes públicos mediante o serviço sanitário nacional, enquanto por um lado multiplicou tais lugares, pelo outro fez deles pontos de extraordinário e continuo encontro de humanidade: doentes, familiares e amigos dos mesmos, médicos e enfermeiros, pessoal auxiliar e voluntário, comissões de administração e estruturas cada vez mais complexas, são chamados a constituir aquela "família sanitária" que, inserindo-se cada vez mais plenamente no contexto social, deve tornar-se lugar e medida da nossa capacidade de sentir e de viver a fraternidade humana nas suas mais completas expressões.

Quem melhor do que o cristão pode abrir-se a semelhante ideal? Não é porventura dirigida a ele a palavra de Cristo, contida no texto evangélico há pouco ouvido? Também hoje, como ontem e como sempre, continua a ser válida a recomendação: "Em qualquer cidade em que entrardes... curai os enfermos que nela houver e dizei a todos 'O Reino de Deus está próximo de vós'" (*Lc.* 10, 8 s.). Recordada disto, a Igreja fez-se promotora, desde as suas origens, da assistência sócio-sanitária, reconhecendo na solicitude pelo mundo do sofrimento um dos dados qualificantes da acção redentora, segundo a indicação do Senhor, o qual veio anunciar "a Boa Nova aos pobres; proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, o recobrar da vista; mandar em liberdade os oprimidos, proclamar um ano de graça do Senhor" (*Lc.* 4, 1-19; cf. *Is.* 61, 1).

Tal mensagem tornou-se já no Senhor acção, porque "Jesus percorria as cidades e as aldeias ensinando nas sinagogas, proclamando a Boa Nova do Reino e curando todas as enfermidades e moléstias" (*Mt.* 9, 35). Não deve causar admiração que, em todos os tempos, também os discípulos de Jesus tenham sentido a impelente necessidade de traduzir em factos a ordem que lhes deixara o Mestre divino.

3. Um destes, pronto a aceitar e a pôr em prática de maneira heróica o exemplo do Senhor, foi precisamente São Camilo de Lellis. Depois de experimentar a longo no próprio corpo e no espírito "os estigmas de Cristo" (cf. *Gál.* 6, 17), ele, por inspiração divina, escolheu formar, como disse Bento XIV, "uma escola de caridade" (Bento XIV, *Bula de canonização, 29 de Junho de 1746*), instituindo a Ordem e a Família Camiliana, hoje presente em muitas partes do mundo.

Um contemporâneo de São Camilo de Lellis informa-nos que o Santo, ao lado do doente, participava a tal ponto da sua condição que "adorava o enfermo como a pessoa do Senhor" (cf. P. Sannazzaro, *Camillo de Lellis*, em "Dizionario degli Istituti di Perfezione", III, coll. 9-10). Não está porventura escrito no Evangelho: "Sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes" (*Mt. 25, 40*)?

As condições diferentes dos tempos nada tiraram à validade da intuição de São Camilo, e até lhe solicitam novas expressões, de harmonia com as exigências do hodierno contexto social. Se de facto o progresso da civilização é devido à aumentada possibilidade de servir o homem, o carisma camiliano não pode deixar de encontrar confirmação e crescente aplicação.

4. Uma singular coincidência histórica merece ser salientada e tornada objecto de reflexão. Camilo de Lellis nasceu no Ano Santo de 1550 e converteu-se, com 25 anos de idade, de uma vida dissipada, no Ano Santo de 1575. Nós encontramos hoje, neste lugar tão cheio de convites à herança espiritual camiliana, para celebrar o Ano Santo da Redenção.

Não há porventura motivo para nos perguntarmos se Camilo de Lellis não tem alguma coisa a dizer-nos a propósito deste Ano de graça que estamos a celebrar? Ele, de facto, tem uma mensagem e mensagem muito importante para nós. Recorda-nos que há uma relação estreitíssima entre o sofrimento, espiritual e corporal, e a finalidade primária do Ano Santo, constituída pelos fundamentais compromissos da conversão e do renovamento.

Em quem sofre, a conversão é uma necessidade, que atinge as raízes da existência, recupera os valores humanos essenciais, santifica o lugar do sofrimento, torna-se evangelização. O renovamento, além disso, toma-se no doente o núcleo mesmo da esperança não só no que se refere à sua saúde, mas não raro também para a orientação geral da vida e para as perspectivas sobre as quais orientar o caminho. Precisamente por isto, talvez não haja outro "lugar" humano em que, melhor do que num hospital, os termos de conversão e renovamento assumam um significado mais verdadeiro e mais pleno, abraçando todo o autêntico valor humano na superior síntese da visão cristã.

Desta comunidade e família sanitária eleva-se certamente um pedido de vida que não se manifesta noutro lado: vida física e psíquica, vida individual e vida social, vida como sobrevivência e como criatividade plena, vida como própria integridade e como capacidade de oferecer-se. Os lugares de assistência e de cura são lugares de vida e todos os que neles trabalham não podem, não devem esquecer que estão ao serviço da vida, de toda a vida e da vida de todos.

O doente, e quem quer que tenha necessidade de assistência e de tratamentos, conhece plenamente que é impensável uma conversão aos valores da existência, se primeiro não é defendida e afirmada a vida, raiz e condição de todos os valores. Não só: mas precisamente aonde chegam as vítimas da fragilidade da condição humana, das calamidades, dos infortúnios,

de todas as formas de violência, que agride o homem e a sociedade, o mandamento primário — do qual são destinatários os responsáveis e os encarregados da sanidade — é o de defender e celebrar a vida desde a sua concepção e não consentir que seja destruída ou eliminada. Sob esta luz manifesta-se o alto significado da escolha daqueles que, tendo-se dedicado ao serviço da vida, se recusam, por coerência com a própria consciência, a prestar-se a suprimi-la. A todas estas pessoas desejo testemunhar a minha estima e o meu encorajamento neste compromisso humano e cristão.

Nenhum homem, crente ou não crente, pode recusar-se a crer na vida e a sentir o dever de a defender, de a salvar, de modo especial quando ela ainda não tem nem sequer voz para proclamar os seus direitos. Se tal consciência e tal conseqüente mensagem vem de vós, doentes, médicos, enfermeiros, capelães, religiosas, voluntários e familiares dos doentes, essa mensagem torna-se necessariamente crível, porque não se funda em enunciados abstractos, mas na vossa experiência pessoal e quotidiana. É transcrição em termos de vida da vossa fé em Deus e no homem e, em definitivo, da vossa fé em Cristo, que é ao mesmo tempo Deus e homem.

5. Sabemos, todavia — e vós experimentai-lo com particular realismo — que as forças humanas não são suficientes só por si para fazerem frente a tarefas tão altas e empenhativas. É necessária a oração, verdadeiro remédio do corpo e do espírito, canal e ponte da nossa esperança. Diante de Jesus que sanava, um homem que implorava a cura pediu ao Senhor que aumentasse a sua fé (*Mc. 9, 24*). Aquele pedido era uma oração e talvez de nenhum lugar da terra, como dos lugares destinados a receber pessoas provadas pelo sofrimento, o pedido de fé é sincero e espontâneo, essencial e, ao mesmo tempo, eficaz.

Oração individual, pessoal, íntima, mas também oração comunitária, invocação colectiva, capaz de reunir todos aqueles que compartilham este serviço à vida, embora na diversidade da condição e das tarefas. O meu pensamento vai neste momento, em particular, para a Santa Missa, que frequentemente é celebrada nas enfermarias deste Hospital: nela, Cristo torna-se sacramentalmente presente, realizando uma autêntica comunhão entre os doentes e aqueles que trabalham ao lado deles.

Toda a história da piedade cristã atesta que a oração que se eleva sobretudo dos lábios de quem sofre procurou sempre a intercessão da Mãe de Deus, universalmente invocada como "Saúde dos Enfermos". A Maria seja confiada a vossa súplica para que Ela a apresente a Deus, Pai de bondade e de misericórdia.

Este encontro de hoje, caríssimos, não seja um momento isolado, embora vivido como participação comvente. Solicitado e amparado pelo espírito do Ano Santo da Redenção, marque o início de um renovado empenho da inteira Família sanitária de modo a partir dela uma mensagem para os "sãos", os quais devem sentir a presença dos doentes como parte viva da sua experiência comunitária, humana e cristã.

Ninguém vive e sofre só para si mesmo, mas a vida e o sofrimento de cada um pertencem à vida e à experiência da comunidade social inteira e, de modo totalmente particular, como vocação específica, à vida da comunidade eclesial.

O nome do Santo a que este hospital é intitulado, a presença nele dos Padres Camilianos, Ministros dos Enfermos, e das Religiosas da Caridade de Santa Antida Touret e dos Sagrados Corações, a dedicação de tantos Médicos qualificados e de competentes Enfermeiros, o compromisso cristão de todas as componentes activas desta realidade sanitária, sejam garantia de um serviço sempre diligente e responsável ao fundamental valor da vida, que em Deus tem a sua fonte originária e o seu destino último.

Com estes votos, concedo-vos com afecto a minha Bênção Apostólica, invocando sobre todos a efusão de copiosos favores celestes, em conforto e amparo dos propósitos e das esperanças que traz cada um no coração.

© Copyright 1983 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana